


# MASSANGANO: RESISTÊNCIA PORTUGUESA NA ANGOLA HOLANDESA, 1641 A 1648

**Kássia Terezinha Barbosa**
Especialista em História da África pela FUNESO
E-Mail: kassiatbarbosa@gmail.com

**RESUMO:** O presente artigo busca mostrar a importância de Massangano como ponto de resistência portuguesa numa Angola ocupada por holandeses, entre os anos de 41 a 48 do século XVII. Esse Forte, criado por Paulo Dias Novais para a defesa do território e das redes comerciais, acabou se transformando em abrigo para os portugueses quando o Porto de São Paulo de Luanda foi ocupado pelos holandeses, em 1641. De Massangano, os portugueses vão traçar inúmeras estratégias para impedir o lucrativo comércio dos batavos com o tráfico transatlântico de escravizados e lutar para reconquistar Luanda dos inimigos invasores.
**Palavras - chave:** Conquista Holandesa. Massangano. Resistência Portuguesa.

**ABSTRACT:** This article aims to show the importance of Massangano as a point of Portuguese resistance in a Dutch - occupied Angola, between the years 41 to 48 of the 17th century. This Fort, created by Paulo Dias Novais for the defense of the territory and the commercial networks, eventually became a shelter for the Portuguese when the Port of São Paulo of Luanda was occupied by the Dutch in 1641. From the Massangano, the Portuguese will trace countless strategies to prevent the lucrative trade of the Batavos with the transatlantic traffic of enslaved and to fight to reconquer Luanda of the invading enemies.
**Keywords:** Dutch conquest. Massangano. Portuguese Resistance.

## Introdução

Ao aportar no Recife em 1637 para governar a Nova Holanda, Maurício de Nassau sabia que tinha um grande desafio pela frente: vencer a grave crise econômica em que se encontrava a colônia, pois disso dependia a consolidação dos holandeses nesse território. A solução era investir na produção do açúcar, a "principal fonte de riqueza da Nova Holanda Lusitânia" (MELLO, 2001, p. 135-136).

Investir na produção do açúcar exigia, contudo, grande quantidade de mão de obra escrava e um bom investimento econômico. Entretanto, a situação não estava nada favorável. Muitos engenhos foram abandonados, outros queimados. Segundo Puntoni "só 99 engenhos, dos muitos que existiam na região, estavam aptos a funcionar e "pelo menos cinquenta e um engenhos estavam completamente destruídos e impossibilitados, portanto, de moer; isto é, cerca de 34% do total deles" (1999, p. 77). Outro agravante era a falta de mão de obra escravizada, para fazer os engenhos produzirem. Diante dessa realidade difícil, a alternativa encontrada pelo governador foi lançar seus olhares para a África e seus vantajosos portos de escravos. Em 1637, navios foram enviados para conquistar São Jorge da Mina. Tempos depois levantou feitorias em Pinda, Congo e outras partes do continente. Porém, Percebendo Nassau que essas conquistas não conseguiam abastecer Pernambuco de forma satisfatória, resolveu lançar seus olhares e seus navios para outra região promissora da África: o famoso Porto de São Paulo de Luanda, em Angola.

A empreitada holandesa ocorreu sem grandes dificuldades. Em poucos dias, o porto de São Paulo de Luanda estava tomado e os holandeses eram, oficialmente, os donos do melhor comércio de escravos do Atlântico. Os portugueses até tentaram se defender, mas, surpreendidos com as estratégias batavas e a superioridade de seus armamentos, recuaram e acabaram fugindo de Luanda na calada da noite com o governador Pedro de Menezes e se refugiaram em Massangano.

Em Massangano os portugueses não se entregaram a derrota, mas continuaram lutando para reconquistar o território ocupado pelos inimigos batavos. Mostrar como se deu essa resistência portuguesa na região de Massangano, entre os anos de 1641 a 1648, é a problemática central desse artigo.

**Conquista do Porto de São Paulo de Luanda**

A conquista de Recife pelos holandeses em 1630 provocou inúmeras guerras de resistência e revoltas na região. A situação ficou tão crítica, que os diretores da WIC[1] decidiram encontrar um líder capaz de consolidar o domínio da colônia e reestruturar a economia que estava devastada em decorrência de tantos conflitos. O conde Maurício de Nassau[2] foi o escolhido pelo conselho dos XIX[3] para administrar a Nova Holanda.

Nassau aportou em Pernambuco em Janeiro de 1637, com o título de governador geral do Brasil. Para salvar a economia e fazer os engenhos produzirem a todo vapor o rentável açúcar, o conde encontra uma solução antiga, porém promissora: conquistar os portos de escravizados da África.

Em 1637, Nassau enviou do Recife uma frota para conquistar São Jorge da Mina[4]. Tempos depois levantou feitorias em Pinda, Congo e outras partes do continente. Com essas conquistas, o conde holandês pretendia resolver o problema da escassez de mão de obra escrava na colônia. Percebendo, contudo, que essas conquistas não conseguiam abastecer Pernambuco de forma satisfatória, resolveu lançar seus olhares e seus navios para outra região promissora da África: o famoso Porto de São Paulo de Luanda, em Angola.

Para a conquista do Porto de São Paulo de Luanda, Nassau colocou seus melhores navios ao mar. Sobre a partida rumo a Angola, ele explicou aos Estados Gerais que: "o almirante Jol[5] partiu a 30 de maio passado com 20 navios, entre grandes e pequenos, levando a bordo 900 marinheiros, 2.000 soldados e 200 brasileiros, sob o comando do tenente-capitão Henderson" (apud GOUVÊA, 2006, p. 112). Dentre os tripulantes havia um contingente de índios tapuias.

De acordo com os relatos de Cadornega,[6] os batavos chegaram à ponta da ilha de Luanda em 23 de agosto de 1641, mas ficaram em um lugar reservado, longe dos canhões portugueses.

---

[1]A WIC (West-Indische Compagnie) foi criada em 1621 por um grupo de calvinistas flamengos. Segundo Evaldo Cabral de Mello (2006, p.47), "o objetivo da WIC era levar ao Novo Mundo, como já fazia na Ásia sua bem-sucedida congênere, a Companhia das Índias Orientais (ou VOC), a Guerra da Independência dos Países Baixos, atacando os pontos-chave do Império espanhol". Essa Companhia tornou-se o principal instrumento da colonização holandesa nas Américas.

[2]João Maurício de Nassau-Siegen foi escolhido para governar o Brasil holandês diante do seu rico currículo no serviço militar. Era um homem a frente de seu tempo, culto, que tinha paixão pela arte militar. Nesse serviço alcançou os cargos de capitão e coronel. Comandou a própria companhia, combateu em diversas batalhas, entretanto foi a conquista de Schenckenschans em 1636 que tornou seu nome conhecido nos Países Baixos. A ele o conselho dos XIX deu a incumbência de fazer a Nova Holanda prosperar.

[3]O Conselho dos XIX (Heeren XIX) era o órgão diretor da WIC nas Províncias Unidas.

[4]Atual Gana.

[5]Cornelis Jol, popularmente conhecido como "Houtbeen" (Perna de Pau).

[6]O cronista e oficial Antonio de Oliveira Cadornega chegou em Luanda no ano de 1639, no governo de Pedro César de Menezes. Seguiu carreira militar e ocupou cargos públicos na região, por diversas vezes. Sua obra, intitulada *História Geral das Guerras Angolanas,* foi escrita com o intuito de guardar a memória de tudo aquilo que ele viu e vivenciou no tempo em que morou na região. Apesar do título, sua obra não narra, apenas, as

No dia 24, dia de São Bartolomeu, pela manhã, os inimigos flamengos pareciam não saber ao certo o que fazer. Cercaram da ponta da ilha até de fronte da casomdoma, fechando o porto e impedindo qualquer nau portuguesa de sair da ilha (1972, p. 233).

Os portugueses para se defender da frota inimiga, dispararam alguns tiros. Porém, o governador Pedro de Menezes, vendo que não tinha condições de vencer a batalha naquele momento, resolve fugir de Luanda com todos os portugueses residentes na região.

Segundo Cadornega, o governador saiu às duas horas da madrugada com toda a gente da cidade pela parte de trás do convento de São Joseph, dos frades da Ordem Terceira de São Francisco, porque todas as saídas da cidade de Luanda estavam tomadas pelos inimigos holandeses, e era necessário fazer esse caminho para chegar até o rio Bengo e redondezas. Embrenhados na mata e sem saber o caminho certo a seguir para não serem pegos pelos inimigos invasores, pediram ajuda a uma negra, conhecida de um dos moradores, para chegar ao destino planejado por eles. A negra os guiou até o sítio de Bembem, que era caminho para o Bengo. Ao chegar ao sítio ouviram três grandes cargas dos inimigos flamengos, um sinal de terror para os portugueses, mas, para os holandeses, um motivo de festejo pela conquista do rentável Porto de São Paulo de Luanda (1972, p. 238).

Os portugueses, no entanto, não permaneceram em Bembem por muito tempo. Perseguidos pelos holandeses, partiram para Massangano, uma vila que ficava a sessenta léguas de Luanda, onde se fortificaram.

**Massangano: ponto de resistência portuguesa**

guerras ocorridas em Angola no século XVII, mas, sobretudo, particularidades do cotidiano do povo e do território. Seus registros são uma grande fonte de informação sobre a administração portuguesa na região.




Mapa de Massangano.
Fonte: www.osultimosdoleste.blogspot.com.br Acesso em: 21/12/17

Massangano está localizado na confluência do Rio Lucala com o rio Cuanza[7] no município de Cambambe, na província da atual Cuanza norte, em Angola. Segundo Cadornega, esses dois rios são tão caudalosos que dão volta em todo o Forte, que possui apenas uma entrada por terra firme (Tomo III, 1972, p. 117).

Sobre suas origens o que se sabe é que esse Forte, também conhecido como 'Forte de Nossa Senhora das Vitórias', foi criado em 1583 por Paulo Dias Novais[8] para as funções de presídio, para a proteção dos portugueses e das redes comerciais, sobretudo a venda de escravos para a América e como degredo, chegando a abrigar exilados[9] em vários momentos de sua história.

Ao chegar a Massangano em 1580, Paulo Dias Novais travou a primeira batalha da região conhecida como 'A Batalha de Massangano'. Nessa batalha pela posse dos territórios que ficavam ao longo do Rio Cuanza e levavam às desejadas minas de prata de Cambambe, sal e cobre, os portugueses enfrentaram o exército do temido rei Kiluange de Ngola[10], que queria impedir a penetração dos lusos no interior. Dois anos depois Dias Novais, com cerca de 150

[7]O rio mais extenso de Angola. Esse rio foi, desde o final do século XVI, a via de penetração portuguesa no interior do território que pertencia ao rei do Ndongo.
[8]Primeiro governador de Angola e fundador da cidade de Luanda. Morreu em 1589. Seu túmulo foi construído em frente à igreja de Nossa Senhora das Vitórias na fortaleza de Massangano.
[9]No século XVIII, José Álvares Maciel foi enviado a Massangano para cumprir pena perpétua, por ter se envolvido na Conjuração Baiana.
[10]Soberano a quem os governantes locais, os sobas, prestavam homenagens.

soldados e um grupo de nativos, invade a capital do Ndongo e consegue vencer o poderoso exército do rei.

Com a vitória sobre o rei do Ndongo, Dias Novais fortifica a região e divide suas trincheiras, faz uma praça de armas e lhe dá o nome de 'Alojamento de Massangano'. A estrutura de Massangano com praça de armas permaneceu até a morte de Dias Novais em 1589. Seu sucessor, Luiz Serrão, criou na vila a jurisdição de senado da câmara, com juízes e vereadores para que nela houvesse uma boa administração do governo. Ele também nomeou a vila com o nome de Nossa Senhora das Vitórias.

Em 1641 com a invasão holandesa em Luanda, os portugueses fugindo dos inimigos batavos se abrigam no Forte, que passa a ser ponto de resistência portuguesa na região até 1648, quando Luanda é reconquistada por Salvador Correia de Sá e Benevides. Com a presença portuguesa nessa região, Massangano ganha notoriedade e transforma-se na capital provisória de Angola. Dessa fortaleza, não muito distante de Luanda, os portugueses vão traçar várias estratégias e lutar para reconquistar a posse do território ocupado pelos inimigos holandeses.

Segundo relatos do cronista Cadornega, o governador Pedro de Meneses assim que chegou a Massangano com toda a sua gente, tratou de reforçar as defesas do Forte tanto por terra, como por rio. Mandou construir um trincheirão alto de taipa e cavar um dique largo que passasse embarcações de um rio a outro (Tomo III, 1972, p. 125). Formou o Senado da Câmara e mandou administrar justiça ao Ouvidor Geral Francisco de Figueroa, com todos os escrivães e gente dos auditórios, nomeou o Feitor Rey como Provedor da Fazenda Real, além de tramar sua forma de atuação para impedir o sucesso dos holandeses no comércio transatlântico de escravos.

Nos sete anos que Luanda ficou sob domínio holandês, os portugueses em Massangano tentaram de todas as formas boicotar as negociações batavas no comércio transatlântico de escravos para o Novo Mundo, principalmente com a região do Matamba, principal fornecedora de escravizados para os portugueses por longos anos. A atuação dos fortificados contribuiu de forma significativa na irregularidade do envio de escravizados para a Nova Holanda nesse período.

**A estatísticas do tráfico**

Com a conquista do Porto de São Paulo de Luanda em 1641, os holandeses esperavam um retorno significativo na importação de escravizados para o trabalho na Nova Holanda. Contudo, os números não corresponderam às expectativas. Registros da época mostram que no

mesmo ano em que Luanda foi ocupada, apenas 297, dos 1.359 negros que desembarcaram em Recife, eram provenientes de Angola.[11] No dia 21 de outubro deste mesmo ano, o navio *Thuis* desembarcava em Recife com apenas 89 negros. Desses 89 escravizados, 13 morreram na travessia do Atlântico.[12]

Os baixos números apresentados nesse primeiro ano são resultado do despreparo inicial dos holandeses nos negócios do tráfico. A falta de alianças comerciais com os reinos próximos a Luanda, aliado a falta de embarcações apropriadas para o transporte dos escravizados contribuiu para esse insucesso. Outros fatores também colaboraram como a falta de domínio do idioma português para as negociações com alguns traficantes de escravos, e a religião reformada dos batavos, tendo em vista que muitos dos reinos próximos a Luanda nesse período, já professavam a religião católica e temiam que se aliando aos holandeses, esses pudessem impor sua religião nesses reinos.

A partir de 1642, os batavos passaram a ter mais sucesso com as negociações em Angola e, consequentemente, mais negros angolanos passaram a ser vendidos nos mercados do Recife. Em abril desse mesmo ano, um único tumbeiro de nome desconhecido, desembarcou no Recife com 367 peças das regiões de Angola e bosques da Guiné. Desse carregamento, 43 negros vieram a óbito. Em novembro os navios *Mauritius* e *Prince* trouxeram 312 negros de Angola, com nenhum registro de óbito na travessia do Atlântico.[13]

Do ano de 1643 a 1645, o número de negros vindos do porto de Luanda cresceu a níveis nunca vistos antes, alcançando o índice de 4.354 negros angolanos exportados para a colônia. O maior número desde a conquista do porto de Angola.[14] Grande parte desse sucesso se deu devido ao acordo de paz assinado entre Pedro de Menezes e o diretor holandês Cornélio Nieuland, com o intuito de estabelecer o mútuo comércio. Apesar dos benefícios que essa trégua trouxe para as relações entre portugueses e holandeses em Angola, a paz durou pouco tempo entre eles. Os holandeses resolveram atacar o Arraial do Bengo e como conseqüência desse feito, colocaram um fim na relação pacífica que tinham concordado em levar com os inimigos invasores.

Segundo dados de 1644, 4.354 dos 5.465 negros que desembarcaram no Recife, eram de Angola. Saldo ainda maior que o registrado no ano anterior.[15] O ano de 1644 representou o

---

[11]Idem.
[12]CABRAL, Flávio José Gomes (org); COSTA, Robson (org). **História da escravidão em Pernambuco.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002, p. 28.
[13]Idem.
[14]PUNTONI, 1999, p. 152.
[15]Idem.

auge da importação de escravos em Pernambuco e, coincidentemente, foi também o ano da volta de Maurício de Nassau para a Holanda[16]. O retorno de Nassau para a Holanda dá início à fase de decadência do domínio holandês na colônia. Com a rebelião comandada por André Vidal de Negreiros e João Fernandes Vieira em Pernambuco, somada a desorganização da economia, os números de negros enviados para a colônia holandesa tem uma diminuição. Dos 4.354 negros angolanos desembarcados no Recife no ano anterior, passou para 3.179 em 1645.[17]

O ano de 1645 também foi o ano do término do governo de Pedro de Menezes. Em seu lugar assumiu Francisco Solto Maior,[18] com a missão de resolver todos os problemas enfrentados em Massangano e traçar novas estratégias para reconquistar Angola do poder dos inimigos batavos.

Em 1646, já sob o governo de Solto Maior, Massangano sofreu vários ataques. Em março desse ano, os fortificados conseguiram uma grande vitória sobre a rainha Nzinga. Com isso, situação do tráfico ficou ainda mais crítica. Neste ano, apenas 251 negros angolanos conseguiram aportar na Nova Holanda.[19]

Nzinga não demorou a atacar novamente. Ela e o rei do Congo tinham o intuito de expulsar os portugueses de Angola e pensavam que se aliando aos holandeses, conseguiriam tal feito. Entretanto, como os holandeses não enfrentavam os lusos de forma direta, eles resolveram se unir e planejaram um forte ataque a Massangano. O plano, contudo, não surtiu o efeito esperado. Antes do plano obter êxito, Luanda foi reconquistada por Salvador Correia de Sá, em 1648.

Com o passar dos anos a situação só piorou. Entre 1647 e 1648 não houve mais registros de desembarques de escravos de Angola, nem de outra região da África, no porto do Recife. Esse foi o período mais escasso do desembarque de escravizados na colônia brasílica, confirmando o que os números, desde o primeiro ano da ocupação holandesa em Angola mostravam: "Luanda estava longe de garantir o controle sobre a África Central" (ALENCASTRO, 2010, p.217), e os portugueses estavam longe de entregar os pontos e aceitar a dolorosa derrota de 1641.

---

[16]"A política "liberal" de Nassau descontentava a todos os especuladores, e logo as intrigas começaram a se criar na Holanda, lançando suspeitas contra os verdadeiros intuitos do príncipe. O Conselho dos Dezenove mostrava-se cada vez mais autoritário, mais exigente e mais prevenido contra o vasto prestígio que Nassau firmava na América. Em 1644, depois de haver passado o governo para uma Junta, Nassau retorna para a Europa, pela própria insatisfação da Companhia" (SOUZA, Leandro Nascimento de. **Uma experiência pernambucana em Angola: o governo de João Fernandes Vieira, 1658 a 1661**,110f. Dissertação (Mestrado) – UFPE, p. 53).

[17]PUNTONI, loc. Cit.

[18]Comandante da guarnição do Rio de Janeiro. Ele foi enviado para governar Angola para de lá organizar a expedição de socorro do Brasil rumo à Angola.

[19]PUNTONI, 1999, p. 152.

## A Reconquista de Angola

O tráfico de escravizados era o sustentáculo da economia das colônias brasílicas. Não haveria condições dessas colônias prosperarem no vantajoso negócio do açúcar, sem os escravizados africanos. Contudo, como Luanda estava tomada pelos holandeses e eles tinham o monopólio do tráfico, os únicos escravos que chegavam a terras brasílicas nesse período, eram destinados, apenas, ao Recife, prejudicando com isso o abastecimento da Bahia e do Rio de Janeiro[20]. Somado a essa situação, os corsários da Companhia das Índias Ocidentais, quebrando o acordo de paz estabelecido por dez anos, passaram a atacar as embarcações portuguesas que iam da Bahia rumo à África. Com esses ataques "nada menos de duzentos e quarenta e nove navios perderam-se num só ano, de dezembro de 1647 a dezembro de 1648" (BOXER, 1979, p. 194), contribuindo com a escassez vivenciada nesse período.

Diante das dificuldades enfrentadas pelas colônias lusas no Brasil, desde 1643 que Telles da Silva[21] alertava o rei de Portugal sobre a necessidade da reconquista de Angola, pois essa era a única chance que Portugal tinha de restabelecer seus domínios na África e também no Brasil. Em carta enviada ao rei, ele afirma que:

> Angola, senhor, está de todo perdida, e sem ela não tem vossa majestade o Brasil, porque desanimados os moradores de não terem escravos para os engenhos, os desfabricarão e virão a perder as alfândegas de Vossa Majestade os direitos que tinham em seus açúcares (apud ALENCASTRO, 2010, p. 222).

Com a alerta do governador Telles e o ataque holandês ao Arraial do Bengo, somado a notícia de que os batavos tinham planos de invadir a Bahia, o rei D. João IV resolveu organizar uma expedição para socorrer a Bahia e também Angola. Para comandar essa missão, o rei escolheu Salvador Correia de Sá e Benevides.

A expedição restauradora de Correia de Sá partiu do Rio de Janeiro em 12 de maio de 1648. Estipula-se que em torno de novecentos a dois mil homens compunham a frota que correspondia a cinquenta navios. A viagem ocorreu com alguns contratempos. Ondas fortes e uma terrível tempestade fizeram dois navios retornar ao Rio de Janeiro. Mesmo com o mal tempo durante a viagem, a frota conseguiu avistar a costa da África em 12 de Julho. O plano de

[20]O Rio de Janeiro vivia exclusivamente do comércio de escravizados para as minas de Prata na América espanhola, através do porto de Buenos Aires.

[21]Antônio Telles da Silva foi governador geral do Brasil durante três anos e recebeu o título de conde de Villa-Pouca de Aguiar (BOXER, 1973, p. 258).

correia de Sá, ao que tudo indica, era atacar Benguela, porém ancoraram em Quicombo em 27 de julho. Enquanto a tripulação se preparava para o desembarque, houve um violento maremoto e, como o mar permanecia alto, uma onda gigante afundou o São Luís "levando consigo mais de duzentos soldados, entre os melhores da expedição" (BOXER, 1973, p. 275). Apesar da tragédia, Correia de Sá partiu para Luanda, antes, contudo, parou em Massangano.

Em Massangano, Correia de Sá se aliou aos fortificados na região. Por terra, eles deram suporte a sua entrada em Luanda. A comitiva, no entanto, foi surpreendida por alguns nativos aliados dos inimigos. Como consequência, os brasileiros foram parar no posto holandês de Forte Mols, na foz do rio Cuanza. Correia de Sá, mesmo abalado, deu continuidade em sua missão restauradora.

A esquadra do Brasil aproximou-se de Luanda em 12 de Agosto. Contrariando as expectativas, apenas dois navios holandeses guardavam o porto de São Paulo de Luanda. Segundo Boxer, os holandeses ao descobrirem que as tropas que se aproximavam eram portuguesas "imediatamente sumiram no horizonte, deixando a guarnição de Luanda com cinquenta soldados a menos que eles tinham a bordo" (1973, p. 276). Bom para Correia de Sá que acabou encontrando uma Luanda desprotegida, com apenas 250 holandeses vigiando os dois fortes: do Morro e de Nossa Senhora da Guia.

Diante da milagrosa conquista, Salvador de Sá enviou três emissários para negociar a rendição pacífica dos holandeses. Vendo que os batavos não hastearam a bandeira de paz, ordenou a invasão as fortalezas dos inimigos no dia 15 de agosto. No dia 17 iniciaram a investida contra os Fortes e obtiveram a vitória. Vale à pena ressaltar que Salvador de Sá esperava contar com Massangano para a conquista. Entretanto, não conseguiu receber esse reforço, pois os portugueses encontrados pelos Jaga foram mortos e os fortificados estavam sob ameaça constante da rainha Nzinga e da coluna volante de Symon Pieterszoon. Quando Salvador se organizava com a sua tropa para um segundo ataque, avistou dois mensageiros holandeses que vinham em busca de uma capitulação.

Na negociação, os holandeses Cornelis Ouman e Adriaen Lens, prometeram que deixariam toda a colônia. Os holandeses partiram de Angola no dia 24 de Agosto com honras militares. Após a conquista, Salvador de Sá rebatizou o Porto com o nome de São Paulo da Assunção em honra a Nossa Senhora da Assunção, e o Forte do Morro passou a se chamar Forte de São Miguel, em honra a São Miguel Arcanjo, padroeiro da expedição.

Após a vitoriosa reconquista, Salvador Correia de Sá assume o governo de Angola. Em seu governo procura reorganizar o abastecimento de escravos para as colônias lusas no Brasil, principalmente para a Bahia e o Rio de Janeiro. Tenta firmar novas alianças comerciais e reaver

outras que tinham sido prejudicadas com a invasão holandesa na região, principalmente com o reino do Congo e Matamba da rainha Nzinga. É com esse intuito, que Salvador inicia guerras no sertão angolano com a ajuda dos colonos que permaneciam em Massangano. Em uma dessas batalhas com Nzinga, Salvador acaba aprisionando sua irmã. Para reaver a irmã, a rainha é obrigada a assinar um acordo de paz com os portugueses e voltar a fornecer escravos para Salvador de Sá. Contudo, Salvador é o primeiro a não cumprir o acordo feito com ela e não devolve Dona Barbara[22], o que aumenta a tensão dos portugueses com a rainha do Matamba. Com o Congo não é diferente. Um acordo também é estabelecido, mas não é cumprido.

Correia de Sá permanece no governo de Angola até 1651, quando pede a exoneração do cargo e volta para Lisboa. Todos os governadores que o sucederam em Angola, tiveram o desafio de tentar fazer a colônia se refazer dos anos de ocupação holandesa na região.

**Luanda versus Massangano**

A reestruturação do tráfico e as tentativas de ampliação do comércio negreiro com Pernambuco, passaram a ser vistas como uma excelente "oportunidade de trampolim social-militar para os que lutavam em Angola e retornavam para Pernambuco"[23], pois, como os portugueses que estavam em Pernambuco tinham lutado praticamente sozinhos à custa de "seus sangues, vidas e fazendas"[24] para expulsar os holandeses da região, se viram no direito de terem seus esforços recompensados.

A Restauração Pernambucana conseguiu suscitar no povo um sentimento de orgulho, transformando seus líderes em verdadeiros heróis nacionais. Esse orgulho, segundo Evaldo Cabral de Mello, evidenciava-se devido a "certos grupos sociais que mantinham acesa essa recordação por interesse corporativo ou de classe" (2008, p. 27). Alimentar essa heroicidade era um meio de alcançar diversos benefícios.

Os lideres do movimento restaurador chegaram a pedir ao rei cargos de poder e títulos de nobreza. Diante dos pedidos, o rei resolveu conceder algumas honrarias. João Fernandes Vieira, um dos líderes de maior prestígio do movimento, chegou a pedir para governar de forma vitalícia Pernambuco e assumir o governo de Angola por seis anos. O rei negou grande parte dos seus pedidos, porém, lhe concedeu o governo de Angola por um período de três anos.

---

[22]O nome da irmã de Nzinga era Combo. Dona Barbara passou a seu nome quando se converteu ao catolicismo.
[23]SOUZA, Leandro Nascimento de. **Ascensão militar pernambucana nos governos angolanos de João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, 1658 A 1666**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, 2011, p. 2.
[24]MELLO, 2008, p. 107.

Vieira assume o governo de Angola em 1658. Em seu governo, ele se preocupou de forma especial com o fortalecimento militar para investir nas guerras pelo interior angolano e proteger a região de possíveis ataques. Para colocar em prática suas ideias, convocou gente de sua confiança em Pernambuco para ocupar os principais cargos da capitania, principalmente militares que haviam se destacado na restauração para assumir os cargos de provedor-mor em algumas fortalezas. Essa situação acabou causando insatisfações com os moradores de Massangano, que durante sete anos tinham lutado bravamente para reconquistar a capital, permaneciam ajudando nas investidas contra os sobas rebeldes, mas viam os melhores cargos e honras da capitania sendo destinados aos pernambucanos.

Diante da insatisfação dos moradores do Forte, Vieira pediu autorização ao rei para elevar a Fortaleza de Massangano à condição de vila, alegando a importância que o forte teve como sede de resistência portuguesa nos anos de ocupação holandesa em Angola.[25] Vieira recomendou a formação da câmara com cargos de Juiz, vereadores, procurador do conselho e tesoureiro, e afirmou que as pessoas mais indicadas a exercer esses cargos eram homens, casados e moradores da respectiva vila.

Massangano, porém, não se contentou em permanecer a sombra de Luanda, quis autonomia e reconhecimento. Essa situação gerou descontentamentos com o governador de Angola. Os moradores do Forte passaram a fazer motim em conluio com o novo capitão-mor do reino, João Delgado. Porém, a situação ficou mais crítica com a criação da Casa de Misericórdia[26] em Massangano.

A casa de Misericórdia se destinava ao cuidado dos pobres e enfermos de uma região e vivia de doações. Em Luanda havia uma casa dessas que atendia os enfermos da cidade e também do interior. Porém, os moradores de Massangano resolveram construir a sua, alegando ao rei que naquele Forte havia muitos doentes, enfermos e viúvas necessitando de cuidados e a Misericórdia de Luanda ficava a quarenta léguas de distância, não favorecendo a assistência de todos os necessitados da região.[27] Entretanto, esse não parece ter sido o único objetivo que motivou a criação dessa casa.

A construção de uma Misericórdia no Forte atrairia os olhares e os investimentos da Coroa para a região. Ao pedir ao rei permissão para fundar a Misericórdia, Cadornega enfatiza

[25]BRÁSIO, 1952, p. 169-171.

[26]As misericórdias eram instituições que surgiram em Portugal no final do século XV e, posteriormente, se espalharam pelo Ultramar. Essas casas se destinavam ao auxílio aos pobres e enfermos, e viviam de doações. Apesar de leigas estavam, de certa forma, ligadas a Coroa.

[27] BRÁSIO, 1952, p. 325-328.

os direitos que, segundo ele, os habitantes de Massangano possuíam devido a sua importante atuação na resistência aos batavos e seus aliados, e sua total obediência à Coroa portuguesa:

> Sendo nós, moradores desta Vila da Vitória de Massangano deste Reino de Angola, e já netos e bisnetos daqueles primeiros conquistadores que tanto fizeram pelo serviço de Vossa Majestade e dos Reis portugueses e sendo esta vila de seu princípio povoada e regada com o sangue daqueles portugueses que tanto ampliaram e estenderam o crédito das armas e de seus reis, fazendo-lhes tão grandes e assinalados serviços e estendendo a fé em tão remotas partes (...), porque suposto que esta Casa que se trata de fazer assim para serviço de Deus como de Vossa Majestade para que nos faça mercê dar licença para que uma obra tão caritativa e que será muito aceita a Deus, tenha o fim que estes vassalos obedientes a Vossa Majestade desejarem, e mais quando a queremos fazer e sustentar com nossas próprias fazendas (BRÁSIO, 1952, p. 325).

A criação dessa casa em Massangano estreitaria as relações dos poderes locais com a Coroa, e isso não agradou o provedor da Casa de Luanda. Apesar da insatisfação, Antônio de Oliveira Cadornega, mesmo sem a permissão da Coroa, criou a Misericórdia de Massangano, que passou a funcionar no antigo presídio do Forte. Diante dessa atitude, a casa de Luanda resolveu agir. O provedor da Misericórdia de São Paulo da Assunção recorreu ao governador de Angola e pediu que se opusesse a criação de uma casa concorrente. Ambos conseguiram o apoio da câmara, e uniram forças para impedir os planos dos moradores do Forte.

Em carta do dia 18 de Abril de 1661, o provedor da casa de Luanda enfatiza ao rei os prejuízos financeiros que essa nova Misericórdia causaria a Luanda. Ele alega que com a construção da Casa de Massangano, a Misericórdia de Luanda não teria como funcionar e atender os doentes que já se encontravam em tratamento no hospital, pois não teriam mais a importante contribuição de Massangano, que sempre doou uma boa quantia, o que ajudava muito nas despesas. Afirmou ainda que os moradores de Massangano desejavam ser independentes de Luanda e não respeitavam a autoridade do rei, suscitando dúvidas sobre o caráter e as intenções de Cadornega e os demais moradores de Massangano.

Em dezembro de 1662, os protestos continuam e mais uma carta é enviada ao rei. Bento Teixeira de Saldanha[28] escreve afirmando que os moradores de Massangano queriam construir a casa de Misericórdia por capricho e não por zelo ao serviço de Deus ou necessidade, tendo em vista que os moradores do Forte não estavam tão sujeitos a enfermidade como Luanda. O provedor acaba colocando Massangano em um patamar de inferioridade com relação à capital Luanda, ao afirmar que a região nunca foi mais que um presídio, só passando a ter mais notoriedade por causa da resistência aos holandeses.[29]

[28] Ouvidor e provedor da fazenda real em Angola.
[29] BRÁSIO, 1952, p. 419 – 420.

Com as desavenças, os moradores de Massangano passaram a não obedecer às ordens vindas de Luanda, fato que fica registrado na carta enviada por Vieira a D. Afonso VI. Segundo Vieira, os moradores do Forte no ataque ao Congo além de fugirem, desobedecendo as suas ordens, levaram consigo alguns de seus soldados, deixando o exército em desvantagem e impossibilitando a guerra preta. Para Vieira essa conduta era prova de que os moradores de Massangano poderiam se voltar contra o rei a qualquer momento.[30] Apesar das insatisfações e inúmeros protestos por parte de Vieira, da câmara e do provedor da casa de Luanda, Massangano teve seu pedido de Misericórdia concedido em 15 de março de 1676.

## Considerações Finais

Com esse artigo foi possível constatar que sem essa resistência portuguesa em Massangano, os inimigos invasores teriam eliminado os portugueses rapidamente, e Salvador Correia de Sá não teria recuperado Angola da forma vitoriosa que foi.

A localização privilegiada do Forte, aliada a obstinação pela reconquista do mercado de escravos mais promissor da África, foram as principais armas dos portugueses. Praticamente sozinhos se defenderam dos ataques de Nzinga, boicotaram os planos comerciais dos batavos e trouxeram notoriedade para o sertão, transformando o Forte em sede provisória da Capitania de Angola. Diante de tamanha importância, não era mais viável Massangano permanecer à sombra de Luanda, por isso escolheu permanecer resistindo, porém com outras motivações: autonomia e reconhecimento. Tornou-se vila, conquistou o direito de construir Casa de Misericórdia, mas, apesar de todo sangue derramado em prol da Coroa e de reclamar direitos e privilégios, acabou caindo no esquecimento com o ressurgimento de Luanda. Fato que perdurou até a queda do domínio português em Angola no ano de 1975, quando Massangano foi completamente abandonada.

Atualmente, Massangano permanece resistindo não mais para expulsar inimigos da região, mas contra o tempo e o esquecimento. Hoje a fortaleza não passa de um amontoado de ruínas em meio ao vazio do sertão angolano. Restaram de pé partes do que um dia foi a Câmara, o tribunal, o presídio, estando em melhores condições o túmulo de Dias Novais e a igreja de Nossa Senhora das Vitórias, a única que permanece recebendo visitas e peregrinações.

## Referências

[30] Ibid., p. 271 - 274.

BOXER, Charles Ralph. **Salvador de Sá: e a luta pelo Brasil e Angola, 1602-1686**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

CABRAL, Flávio José Gomes (org); COSTA, Robson (org). **História da escravidão em Pernambuco.** Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2002.

GOUVÊA, Fernando da Cruz. **Maurício de Nassau e o Brasil holandês: correspondência com os Estados Gerais. Recife**: Ed. Universitária UFPE, 2006.

MELLO, Evaldo Cabral de. **Nassau: governador do Brasil holandês.** São Paulo: companhia das letras, 2006.

_____. **Rubro Veio: o imaginário da restauração pernambucana**. 3.ed. rev. São Paulo: Alameda, 2008.

OLIVEIRA, Ingrid Silva. **Misericórdias africanas no século XVII: a Misericórdia de Massangano.** Revista África e Africanidades – Ano 2 - n. 7 – Novembro, 2009.

PUNTONI, Pedro. **A Mísera Sorte: a escravidão africana no Brasil Holandês e as guerras do tráfico no Atlântico Sul, 1621-1648.** São Paulo: Hucitec, 1999.

SOUZA, Leandro Nascimento de. **Ascensão militar pernambucana nos governos angolanos de João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros, 1658 a 1666.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, 2011.

_____. **Uma experiência pernambucana em Angola: o governo de João Fernandes Vieira, 1658 a 1661**, 110f. Dissertação (Mestrado) – UFPE, Recife: O autor, 2013.

**Fontes**

BRÁSIO, Antônio. **Monumenta Missionária Africana**. Agência Geral do Ultramar. Lisboa, 1952.

CADORNEGA, Antônio de Oliveira de. **História Geral das Guerras Angolanas.** Agência Geral do Ultramar. Lisboa, 1972.